

"O Programa Escola que Vale, é uma iniciativa da Fundação Vale do Rio Doce, desenvolvido pelo Cedac e trabalha na formação continuada de professores, diretores e supervisores em parceria com as Prefeituras Municipais de 18 municípios no Brasil".

PROJETO: PESQUISA: REALIDADE E SONHOS DOS JOVENS E ADULTOS¹

*No sonho nada é impossível e o
protagonismo do sonhador está assegurado.
Emilia Ferreira*

Educação de Jovens e Adultos

Área: Língua Portuguesa

Outra área envolvida: Matemática

Temas transversais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual, Saúde, Meio Ambiente e Ética

Tempo de duração: 4 meses.

Fontes de informação: jornais, documentos pessoais e oficiais, propostas de governo, fotografias, entrevistas, vídeos, casas, escolas, institutos, Igrejas, organizações comunitárias.

Colaboradores: historiadores, professores de Matemática, líderes comunitários e pessoas da comunidade.

Etapa: 2^a

JUSTIFICATIVA

Sobre o público: jovens e adultos

Muito se ouve que o jovem é o futuro do Brasil. Mas não podemos esquecer que, também, ele é o presente e o futuro. Quando nos referimos aos jovens e adultos temos que pensar na vida que levam e refletir sobre o que necessitam para melhorar suas próprias vidas e a de suas comunidades.

A ONU lançou, em 2003, um relatório que revela dados importantes sobre juventude e analfabetismo. Nesse relatório, o Fundo de População das Nações Unidas destaca a importância de investir – hoje - nos jovens para evitar graves problemas no

¹ Inspirado no projeto “Nossa Escola Pesquisa sua Opinião” apresentado pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM-entidade social do IBOPE), em 2001.

futuro. O estudo examina os desafios e riscos enfrentados por eles no mundo contemporâneo:

- quase metade da população mundial tem menos de 25 anos;
- o mundo reúne hoje a maior geração de adolescentes da história da humanidade: mais de 1,2 bilhão de pessoas com idades entre 10 e 19 anos, correspondente a 20% da população mundial;
- 87% dos adolescentes vivem em países em desenvolvimento. Sua situação hoje terá conseqüências determinantes para o futuro desses países;
- nos países em desenvolvimento, 57 milhões de rapazes e 96 milhões de moças entre 15 e 24 anos de idade não sabem ler ou escrever;
- um jovem é infectado pelo HIV a cada 14 segundos e a juventude (cada vez mais mulheres) corresponde a quase metade das novas infecções por HIV no mundo;
- os investimentos em políticas internacionais para os jovens correspondem a menos da metade do que foi comprometido para 2000.

Por falta de acesso a esses números, poucas vezes refletimos sobre essas questões e em especial sobre as fases jovem e adulta e como lidar com essa clientela na educação.

Referir-se à juventude é lidar com um conceito em construção, até mesmo no que se refere à sua faixa etária. Qual a faixa etária definida como do jovem? O que o diferencia do adulto? Em muitos países costuma-se dizer que o jovem tem entre 16 e 24 anos. No Uruguai, por exemplo, a carteirinha de jovem que dá desconto no cinema vale até os 29 anos. Muitos se sentem jovens até 30, 40 anos e não gostariam de sair dessa faixa de idade. Nos locais em que o jovem passa a trabalhar muito cedo, devido a condições sócio-econômicas, esse período é como se fosse encurtado.

No Brasil, a entrada na juventude se faz pela adolescência, mas sem definição clara de uma “idade”. Menos definidas ainda são as idades de saída da juventude. Vários estudos apontam que a entrada definitiva no mundo adulto se dá pela associação de cinco condições: deixar a escola, ingressar na força de trabalho, abandonar a família de origem, casar-se e constituir família. Mas mesmo essas condições são relativas. A entrada no mercado de trabalho não significa necessariamente o final da juventude; pelo contrário, no mais das vezes é o trabalho que possibilita ao jovem acesso ao consumo e

ao lazer característicos de sua idade. Assim, a saída da escola não define a passagem para a fase adulta, pois este é um país em que não se tem garantido o acesso e a permanência na escola.

O que fica claro é que a juventude, apesar de todas as transformações físicas que a acompanham, é um fenômeno social sem definições rígidas do seu começo e do seu final. Tais definições dependem do momento histórico, do contexto social e da própria trajetória familiar e individual de cada jovem.

A intensidade dos desafios e das descobertas vivenciadas pelos jovens leva a uma extrema valorização do convívio entre eles, fazendo com que a sociabilidade ocupe posição central em sua vivência: os grupos de amigos e de pares constituem um importantíssimo espaço em que vão buscar respostas para suas questões.

As peculiaridades desse momento da vida, no entanto, têm sido ignoradas e até mesmo combatidas pela escola, o que traz consequências sérias. Privilegiando o que o jovem precisará na vida adulta, a escola pouco se pergunta de que necessita agora, as dimensões humanas, as potencialidades e os valores que devem ser privilegiados na formação dessa fase da vida. Assim, a escola perde a capacidade de diálogo com os alunos e não consegue promover de maneira consistente o preparo para a vida adulta que tanto almeja.

Os alunos jovens possuem uma diversidade de conhecimentos sobre seu meio e utilizam diferentes formas de expressão que devem ser consideradas na escola: a partir de manifestações culturais (musical, teatral etc.) expressam suas opiniões de forma crítica, na maior parte das vezes, falando de suas dificuldades, valores, perspectivas, desemprego, miséria, corrupção, poluição.

Assim como a adolescência, a idade adulta é rica em transformações e, ao contrário do que se acreditava, é uma continuação do desenvolvimento psicológico. O adulto é alguém que evolui e se transforma continuamente. Seu desenvolvimento cognitivo relaciona aprendizagem, interação com o meio sociocultural e os processos de mediação. Em geral, mostra maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem.

Uma característica marcante dos alunos adultos é o autoconceito quanto às suas possibilidades e limites. Muitas vezes manifestam insegurança, medo de se expor ao ridículo, consideram-se incapazes de aprender. Expressam resistência a mudanças, pois, talvez, não seja cômodo negar concepções arraigadas, construídas ao longo da vida.

Parecem ter uma relação bastante “imediatista” com o conhecimento, querendo saber onde e como irão utilizá-lo, desconsiderando aqueles para os quais não percebem uso imediato.

Normalmente, os alunos adultos, ao retornarem ou iniciarem seu percurso escolar trazem para dentro da sala de aula suas representações sobre a escola, o papel do professor e do aluno. Em geral, tais representações foram construídas em sua passagem anterior pela escola ou pelo contato com a escola de seus filhos ou de parentes próximos. A escola que imaginam é um local onde os alunos são consumidores passivos de conhecimentos transmitidos pelos professores, considerados como únicos detentores do saber. As relações com o conhecimento se dão de forma predefinida, ou seja, o conteúdo já está predeterminado; e na maioria dos casos, as aulas são expositivas, em que cópias de textos e exercícios repetitivos para memorização são a tônica do trabalho escolar.

Reconhecer como legítimas (o que não significa inquestionáveis) as expectativas e as experiências dos jovens e adultos trazem para a sala de aula torna-se condição para estabelecer um diálogo com eles e para que o conhecimento escolar tenha sentido para eles.

O jovem e o adulto vivenciam tempos específicos da vida humana. Daí a importância de procurar conhecer, tão profundamente quanto possível, quem são, como vivem, o que pensam, sentem e fazem. Quando percebem a escola atenta às suas necessidades, problemas e preocupações, desenvolvem a autoconfiança e a confiança nos outros, ampliando as possibilidades de melhor desempenho escolar.

Atualmente, a Educação de Jovens e Adultos, no Brasil, envolve uma população que enfrenta não apenas o problema do analfabetismo, mas também os altos índices de pobreza, agravado pelo fato de viverem um período de transição e de consolidação do “ser cidadão” - no caso dos jovens - e de crenças consolidadas, por parte dos adultos, num contexto político, cultural, social e econômico que não apresenta perspectivas para o desenvolvimento da sua cidadania.

Os jovens e adultos e as políticas públicas

Quando se trata de políticas públicas para os jovens e para os adultos, o que, de fato, é garantido? De que modo eles participam das definições? Quem tem falado por eles? Como são vistos?

As políticas públicas podem ser consideradas o conjunto de propostas e práticas formuladas pelas instituições do Estado e pela sociedade civil. Por isso, acredita-se que estas propostas devam ser direcionadas ao conjunto dos bens, dos serviços e equipamentos (saúde, educação, habitação, infra-estrutura, lazer, trabalho) para atender às necessidades básicas vivenciadas no dia-a-dia pela população.

A elaboração das políticas públicas é permeada por conflitos de interesses, em maior ou menor grau, dos grupos sociais que disputam os recursos disponíveis na sociedade.

Nesse sentido, as políticas estão ligadas ao conceito de cidadania, a consciência dos direitos, dos deveres e o exercício da democracia, estabelecidos nas leis que regem toda a sociedade. A cidadania inclui, além dos direitos civis (identidade, segurança, locomoção) e políticos (liberdade de expressão, de voto, de organização, de credo religioso), os direitos sociais (trabalho, salário, saúde, educação, habitação etc.), que dizem respeito às condições de vida e ao acesso aos serviços mínimos indispensáveis a uma vida digna.

Os estudos indicam que poucos são os jovens e adultos que discutem essas políticas dentro ou fora da escola. Na maioria dos casos, a escola parece uma instituição alheia a tudo, quando deveria potencializar e alimentar a cidadania das pessoas.

A figura do jovem é frequentemente relacionada a fatores negativos, por exemplo, o combate às drogas, por ser o usuário; as doenças sexualmente transmissíveis, por estarem entre o grupo de risco etc. Isso acaba levando alguns governos e ONGs (Organizações Não Governamentais) a proporem políticas e programas mais no sentido de correção do que de superação desses problemas.

Assim, é importante que a escola assuma, na Educação de Jovens e Adultos, uma ação mais propositiva com projetos didáticos especiais para essa clientela.

A partir dos projetos é possível envolver os alunos jovens e adultos na discussão dos problemas da comunidade e na visualização de seus sonhos e potencialidades, a fim de ampliar o foco das políticas para a garantia da cidadania em todas as suas dimensões: cultural, social, política e econômica.

A pesquisa de opinião

O projeto Pesquisa: Realidade e sonhos de jovens e adultos visa proporcionar a jovens e adultos situações de pesquisa com outros jovens e adultos, considerando suas

vidas, visões, necessidades e sonhos a fim de pensarem estratégias, atuações, soluções para melhorar sua condição de vida e de suas comunidades e, ao mesmo tempo, fazer uso da leitura e da escrita e assim aprender a ler e escrever, uma das principais conquistas para se vivenciar realmente a cidadania.

Esse projeto pressupõe o “trabalho com o sonho”, quer dizer, acreditar que podemos transformar, que podemos sonhar com novas possibilidades.

Emília Ferreiro, em relatório de pesquisa em comunidades rurais, relata: “Ao propor a escrita de sonhos aos alunos foi necessário superar uma resistência inicial: alguns pareciam não sonhar. Porém, outros propuseram o seguinte: *Posso escrever algo que desejaria sonhar?* No final, o propósito perseguido: o sonho reconstruído ou o sonho desejado são similares”. É triste imaginar que há pessoas que não têm autorização para sonhar. Assim este projeto quer “autorizar” e dar espaço para que os sonhos aconteçam.

As ações do Programa Escola que Vale apontam que professores melhoraram sua relação com os alunos pelo simples fato de terem dado a eles vez e voz. Na educação de jovens e adultos isso é fundamental. O exercício permanente do respeito às diferentes opiniões e o trabalho em grupo são importantes para o aprendizado. Guimarães Rosa escreveu, em *Grande Sertão: veredas*: “O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam”.

O Instituto Paulo Montenegro desenvolveu um projeto, em 2000, com o objetivo de analisar o uso pedagógico da pesquisa de opinião em escolas públicas do Rio de Janeiro e de São Paulo. O relatório da experiência piloto indica que “uma pesquisa de opinião pode ser um excelente pretexto para a aprendizagem de procedimentos de pesquisa importantes para alunos de qualquer idade”.

Por que um projeto de pesquisa de opinião para EJA? Para identificar os problemas da comunidade e o que se deseja ser e fazer; para confirmar boas políticas públicas e lidar com uma importante fonte de informação sobre o que as pessoas pensam em relação aos temas e problemas que enfrentam, para refletir sobre como agir, para propor ações e políticas.

O projeto para Educação de Jovens e Adultos objetiva maior envolvimento dos alunos, imersão em suas vidas e em sua realidade, a possibilidade de sonhar, elaborar propostas e implementar ações para melhorar cada vez mais seu contexto.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Neste projeto os alunos podem trabalhar com tabelas, entrevistas, textos expositivos, dados e outras fontes para obtenção de informações sobre os temas da realidade e os sonhos dos jovens e adultos. As atividades priorizam a **leitura**, a **escrita** e a **comunicação oral**. A leitura de textos considerados “difíceis” fará com que os alunos, por meio da mediação do professor, desenvolvam uma autonomia crescente, no propósito de ler para aprender. As atividades de comunicação oral e escrita também passam a fazer parte do cotidiano da classe: planejar as questões e registrá-las para posterior análise e comunicação dos dados e conclusões.

Os professores necessitam fazer intervenções que favoreçam a compreensão e o uso dos textos informativos considerados “difíceis” (antecipações sobre o conteúdo dos textos que será lido pelos jovens e adultos); realizar intervenções ajustadas às condições de produção de texto em situações de produção coletiva, em pequenos grupos ou individual, que contribuam para o bom desempenho dos alunos frente às questões ligadas às características do texto, aos conceitos relacionados ao tema estudado e aos aspectos gramaticais e ortográficos; interpretar os dados observados e registrados; elaborar hipóteses diagnósticas sobre as aprendizagens dos alunos (analisar as produções orais e escritas); organizar campanhas, fóruns, atos públicos e atividades afins.

As pesquisas devem ser precedidas de discussões em sala de aula sobre a idéia do projeto – isto é, a possibilidade de pesquisa – e depois sobre o que se deseja pesquisar – quais os sonhos a serem conquistados.

O Projeto envolve cinco momentos: identificação do tema e planejamento do trabalho; definição das formas como será realizada a pesquisa; elaboração dos instrumentos a serem utilizados – que envolve também ter mais dados sobre o tema; a coleta e análise dos dados; organização dos dados coletados para serem comunicados.

1- Definição do tema e a relação com os conhecimentos dos alunos

Antes da pesquisa é importante que os alunos exponham o conhecimento que têm sobre a temática, a sua própria realidade e os seus sonhos. Não sonhos de quem está

dormindo, mas sonhos como desejo de algo; o que se quer ser; o que quer que aconteça com a família; como a escola deve funcionar; como se quer a comunidade daqui a cinco anos; o município. Entre os temas, a saúde na cidade; migração e imigração; religiosidade; comportamento sexual; a formação profissional do jovem e adulto; tipos de trabalhos; potencial produtivo do município; drogas e usuários; tipos de moradia da cidade; qualidade de vida; atendimento nos órgãos públicos: hospitais e escolas; participação da comunidade no controle das políticas públicas ...

Desde o início, o envolvimento dos alunos é fundamental. Participando das tomadas de decisões sobre o que e como pesquisar os alunos se comprometem mais com as informações a serem obtidas e a aprendizagem de novos conhecimentos, assim como ampliam a visão sobre o tema, o que pode orientar novas idéias, ações e opiniões.

O momento de definição do tema a ser pesquisado é particularmente importante porque aqui se pode aguçar a curiosidade dos alunos em relação aos aspectos que estarão envolvidos e sobre o que poderão saber mais.

É preciso negociar divergências em relação à definição do objeto de estudo ou encaminhamentos, para que todos possam compartilhar da proposta. Levantar as dificuldades e pensar em soluções, avaliando sua viabilidade. Outras dificuldades aparecerão ao longo do trabalho e as soluções precisarão ser discutidas coletivamente.

O tema a ser pesquisado pode estar relacionado a uma curiosidade do grupo, a um problema enfrentado pela comunidade, ou uma discussão do conteúdo estudado nas aulas. O importante é que o tema seja relevante do ponto de vista dos alunos, ou seja, que relacione o que já sabem com o que podem vir a saber e como querem ver realizado.

Num primeiro momento, o tema definido pode parecer amplo demais ou muito específico. Se amplo, precisará ser delimitado, se específico, demanda discutir outros aspectos relacionados ao tema.

Para delimitar o tema é preciso discussão. Os alunos colocam em jogo seus conhecimentos prévios, isto é, falam do que sabem e levantam hipóteses sobre o assunto.

O IPM sugere algumas perguntas – que podem ser ampliadas ou modificadas – para explorar, avaliar e delimitar o tema.

- *O que queremos saber?*

- *O que já sabemos sobre o assunto, seja no âmbito local, seja em termos de referências mais amplas?*
- *Que tipo de dúvidas pretendemos esclarecer com a realização dessa pesquisa?*
- *Quais são os vários aspectos do problema ou os subtemas relacionados ao tema principal?*
- *O que será feito com os resultados?*
- *Para quem serão divulgados?*

É importante que o professor registre as questões e as discussões para documentação do trabalho, pois as hipóteses levantadas serão objeto de análise – para verificar se é real ou não – a partir da pesquisa e do estudo sobre o tema.

Delimitado o tema, planejam-se as etapas de trabalho para o levantamento de informações sobre o assunto para exploração mais profunda; organização das informações; definição de instrumentos de coleta de dados; data da pesquisa com o público, da análise dos dados e da comunicação. O planejamento prévio com os alunos possibilita que todos saibam os prazos e se co-responsabilizem com as tarefas e sua execução.

2- Definição das formas de pesquisa

Existem basicamente duas formas de pesquisa: a qualitativa e a quantitativa, com características diferentes, porém complementares. Normalmente, a pesquisa qualitativa precede a quantitativa, fornecendo subsídios para a construção de questionários para a pesquisa quantitativa, como mostra o quadro 1:

Quadro 1

Item	Pesquisa²	
	Qualitativa	Quantitativa
Características gerais	Tem caráter exploratório, estimulando os entrevistados a pensar e falar sobre algum objeto. Lida com aspectos subjetivos, atinge motivações, não explícitas ou, mesmo, não conscientes. Realizada por meio de entrevistas em	Lida melhor com opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados com a utilização de questionários padronizados. Etapas: 1- Definição da população e da

² Masagão, Vera & Montenegro, Fábio (ed.). Nossa Escola Pesquisa sua Opinião. São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, 2001.

	profundidade ou discussões em grupo.	amostra 2- Elaboração dos questionários 3- Coleta dos dados 4- Processamento dos dados- tabulação 5- Análise dos resultados
Amostra	Não há preocupação em projetar resultados para a população. O número de entrevistados geralmente é pequeno.	Exige número maior de entrevistados para garantir maior precisão nos resultados, que serão projetados para a população representada.
Questionário	Normalmente as informações são coletadas por meio de um roteiro. As opiniões dos participantes são gravadas e posteriormente analisadas.	As informações são colhidas por meio de um questionário estruturado com perguntas claras e objetivas, com o intuito de garantir a uniformidade de entendimento dos entrevistados.
Entrevista	São realizadas por meio de entrevistas em profundidade ou de discussões em grupo, bate-papo em salas especiais com possibilidade de gravação em áudio e/ou vídeo. Nas entrevistas em profundidade, é feito o pré-agendamento, aplicação individual, em local reservado, o que garante a concentração do entrevistado.	O entrevistador identifica as pessoas a serem entrevistadas por meio de critérios previamente definidos por sexo, idade, ramo de atividade, localização geográfica etc. As entrevistas não exigem local previamente preparado, podendo ser realizadas na própria residência do entrevistado ou em pontos de fluxo de pessoas. O importante é que sejam aplicadas individualmente e sigam as regras de seleção da amostra.
Relatório	As informações são analisadas de acordo com o roteiro, destacando opiniões, comentários e frases mais relevantes.	O relatório da pesquisa quantitativa, além das interpretações e conclusões, deve mostrar gráficos e tabelas.

Para escolha do método de pesquisa é preciso considerar suas condições de aplicação, considerando o tema escolhido e o aspecto educativo. Mais importante que os resultados, são o processo de discussão, elaboração e realização da pesquisa.

A pesquisa quantitativa parece mais adequada para iniciantes porque a pesquisa qualitativa envolve análise mais apurada e experiência acumulada.

A pesquisa de opinião lida com **amostragem**, isto é, uma parte da população que contemple diferentes tipos de indivíduos que fazem parte da população pesquisada.

Outra definição relacionada à amostra é a sua **unidade**. Dependendo do objetivo da pesquisa podemos ter diferentes unidades, por exemplo: na pesquisa de intenção de voto, a unidade é cada indivíduo. Já na pesquisa para saber qual a proposta curricular

predominante nas escolas de uma região, a unidade é cada escola, não os professores e alunos. Quanto à renda familiar ou gastos mensais de uma família pesquisa-se a unidade familiar e não cada indivíduo que mora na casa.

A **escolha** da amostra pode ser feita a partir de uma lista, por exemplo, lista de alunos, de usuários do posto de saúde etc., ou de uma população não conhecida, como telespectadores de um programa de TV ou torcedores de um time de futebol.

Quanto ao **tamanho** da amostra, é o grau de representatividade que importa, ou seja, se a amostra selecionada representa o todo. As amostras necessitam ser grandes o suficiente para serem confiáveis, mas não tanto que dificultem o trabalho. Assim, sugere-se na pesquisa escolar um número X de entrevistados por aluno, a fim de abarcar um universo que confira confiabilidade nos resultados e detalhamento para análise dos dados.

A pesquisa escolar não tem o mesmo rigor da pesquisa científica e, por esse motivo, seus resultados não podem ser generalizados nem considerados verdade absoluta. Todas as variáveis devem ser consideradas na divulgação dos dados obtidos na pesquisa.

3- Elaboração dos instrumentos

As idéias construídas pelo conjunto de alunos são um bom começo. Depois disso, professor e alunos levantam informações - em documentos oficiais, pessoais, textos expositivos³ etc. -, sobre o tema para terem um repertório de conhecimentos relevantes para a elaboração dos instrumentos de pesquisa e para dialogar com a amostra.

Em uma pesquisa qualitativa as opiniões podem ser coletadas por meio de entrevistas em profundidade com um roteiro pré-estabelecido. Na pesquisa quantitativa as opiniões advêm de questionários estruturados e padronizados. Como o nosso foco é essa segunda forma de pesquisa iremos abordar mais alguns detalhes sobre os questionários.

Os questionários podem ser de duas formas:

- auto-aplicados: os próprios entrevistados registram suas respostas;

³ Os alunos podem estudar textos expositivos considerados difíceis para ampliar os conhecimentos sobre o tema e desenvolver a capacidade de “ler para aprender”.

- aplicados por entrevistadores: o entrevistador lê a pergunta e registra a resposta dos pesquisados.

Por estar inserido em um projeto de leitura e escrita, neste segundo tipo de questionário os alunos podem vivenciar uma situação de uso da leitura e escrita diferenciada da sala de aula: o registro da fala de outro e da leitura – em situação de diálogo - de questões elaboradas coletivamente.

Esse contexto de leitura e escrita favorece uma maior reflexão sobre o sistema, pois permite ao aluno considerar que pode ler quase que sabendo de cor o que está escrito, mas que não pode alterar a pergunta sob o risco de direcionar um outro tipo de resposta⁴, além disso, como irá entrevistar várias pessoas, precisa garantir um tipo de registro que realmente garanta a informação obtida para ser posteriormente agrupada com as coletadas pelos colegas.

Na construção dos questionários é preciso levar em conta que não é possível esgotar o tema. Longos demais serão cansativos, curtos demais, não atingirão os objetivos.

O IPM indica que o questionário deve ter uma parte inicial, um corpo e uma conclusão.

- *parte inicial: constituída por perguntas mais gerais, não é indicado que se pergunte coisas delicadas;*
- *corpo do questionário: parte maior, em que constam perguntas específicas e detalhadas da pesquisa;*
- *parte final: dedicada basicamente a dois tipos de questões – aquelas que lidam com perguntas mais delicadas e sensíveis e aquelas que medem atributos ou características mais pessoais dos entrevistados.*

Ainda segundo o IPM, as perguntas são a coisa mais importante em uma pesquisa, por isso devem ser elaboradas cuidadosamente considerando que:

⁴ É importante considerar e discutir com os alunos que a opinião não é algo pronto e acabado, a ser recolhido pelo pesquisador. O modo como as perguntas são formuladas ou o tipo de seqüenciação das questões podem influenciar as respostas dos pesquisados.

- *Elas devem ser objetivas (focalizar diretamente o assunto ou tópico pesquisado), simples (expressas de forma clara) e breves.*
- *As questões curtas estão menos sujeitas a erro tanto por parte do entrevistado quanto do entrevistador. Quando as perguntas se tornam muito longas, a tendência é de que os entrevistados se esqueçam da primeira parte da questão, antes mesmo de ter ouvido a pergunta toda.*
- *O vocabulário utilizado é importantíssimo. Quase todo indivíduo utiliza três níveis de vocabulário: aquele constituído das palavras com as quais está mais familiarizado, aquele que ele usa no discurso comum e aquele vocabulário constituído de um conjunto de palavras que ele só reconhece quando lê ou ouve. E é claro que existem muitas outras palavras em uma língua que o cidadão não reconhece nem entende o seu significado. A equipe de trabalho deve, na medida do possível, elaborar as suas perguntas usando as palavras que fazem parte do cotidiano dos indivíduos pesquisados.*
- *O mesmo ocorre em relação à gramática com que as frases são construídas. As questões mais eficientes são aquelas compostas por sentenças simples, isto é, aquelas que têm sujeito e predicado e, em algumas vezes, um objeto ou complemento. É preferível duas ou mais sentenças simples do que uma composta.*

Assim, a elaboração das perguntas do questionário pode ser uma situação interessante de aprendizagem da língua, uma vez que os alunos podem, coletivamente,

analisar e melhorar as formulações, verificar se as perguntas estão focadas no tema da pesquisa, se estão o mais breve que poderiam, se estão claras etc.

As questões podem ser abertas ou fechadas. Nas fechadas o entrevistado recebe uma lista de respostas e deve escolher entre uma delas. É preciso ter claro que as opções merecem o mesmo cuidado que a elaboração das perguntas.

Às questões abertas o entrevistado pode responder livremente. Quando se pretende fazer sínteses quantitativas, é preciso classificar ou codificar as respostas. As perguntas fechadas, por sua vez, têm a vantagem de ser pré-codificadas.

Para organizar o questionário pode ser feito inicialmente um rol de perguntas, colhendo sugestões do grupo, realizar uma análise, excluindo perguntas semelhantes, agrupar e modificar para garantir a melhor elaboração possível.

Antes da coleta de dados, sugere-se fazer um pré-teste, ou seja, a aplicação em um grupo piloto – com pequeno número de pessoas – para avaliar se as perguntas estão claras, se provocam distorções, se a ordem de apresentação está adequada etc. Com o resultado do pré-teste faz-se uma revisão do questionário.

4- Coleta e análise dos dados

Na fase de coleta de dados os entrevistadores têm contato com os entrevistados. É importante, neste momento, que as tarefas sejam divididas, combinando os prazos em que os questionários devem estar respondidos, o que pode ser por etapas, caso a amostra seja um pouco grande. Por exemplo, pode ser combinado um determinado prazo para o primeiro grupo de entrevistados e um outro prazo para o outro grupo.

Essa etapa necessita de organização para que os questionários não se percam e nem sejam tabulados mais de uma vez. Os questionários ou as folhas de respostas devem ser numerados, com uma planilha de controle para que não se percam ou sejam tabulados mais de uma vez.

Exemplo: João levou os questionários de 1 a 10, Maria de 11 a 20 etc., são marcados na planilha da seguinte forma:

PLANILHA				
Questionários	Responsável	Entrega em	Entrega em	Tabulação
		/ /	/ /	
1	João	X		
2	João	X		
3	João	X		

4	João	X		
5	João	X		
6	João			
7	João			
8	João			
9	João			
10	João			
11	Maria	X		
12	Maria	X		
13	Maria	X		
14	Maria	X		
15	Maria	X		
16	Maria			
17	Maria			
18	Maria			
19	Maria			
20	Maria			

Respondidos os questionários, procede-se à tabulação dos dados, para que possam ser analisados e comunicados. A tabulação pode ser manual ou por programas de computador, como planilhas eletrônicas.

Esta é uma ótima oportunidade para que os alunos aprendam a utilizar os recursos do computador que otimizam a organização dos dados.

Os dados podem ser armazenados em um banco de dados: cada linha da tabela corresponde a um questionário e cada coluna a uma resposta codificada, como por exemplo:

BANCO DE DADOS-TABULAÇÃO					
Questionário	Sexo*	Idade	Escolaridade**	Religião***	
1	1	24	3	3	
2	2	35	4	4	
3	2	26	1	1	
4	1	19	1	1	
5	2	21	99	99	

* 1 e 2 são códigos e significam: 1- feminino; 2-masculino.

** 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 99 são códigos e significam: 1- primeiro segmento do Ensino Fundamental incompleto; 2- segundo segmento do Ensino Fundamental incompleto; 3- Ensino Médio incompleto; 4- Ensino Médio completo; 5- Ensino Superior incompleto; 6- Ensino Superior completo; 7- Pós-graduação; 99- não respondeu.

*** 1 e 2 são códigos e significam: 1- católica; 2- espírita; 3- evangélica; 4- protestante; 5- budista; 6- islâmica; 7- ateu; 99- não respondeu.

A análise inicia-se com a descrição das informações obtidas, procurando destacar o que é comum e o que é diferente.

Para a análise dos dados realiza-se a contagem das frequências dos códigos em cada questão e o cálculo das porcentagens a fim de identificar os aspectos relevantes, as

possíveis explicações para as relações observadas e novas questões para serem pesquisadas.

Muitas vezes os dados mais interessantes aparecem no cruzamento entre duas perguntas, principalmente aquelas que qualificam os entrevistados, como sexo, idade etc.

Vejamos um exemplo apresentado pelo IPM na tabulação de uma pergunta que avalia a opinião dos alunos sobre a construção de um centro comercial no campinho de futebol, nas imediações da escola. A hipótese inicial era que a opinião variasse em função do sexo e da idade dos entrevistados.

Para identificar as opiniões, a tabulação dos dados agrupou as entrevistas conforme sexo e idade:

	Total	De 12 a 15 anos	De 16 a 19 anos	Masculino	Feminino
(1) Concorda	30	22	8	3	27
(2) Discorda	48	27	21	37	11
(99) Não respondeu	2	2	1		2
Total	80	50	30	40	40

Tal quadro destaca as diferenças entre os mais jovens e os menos jovens e entre moças e rapazes. As percentagens evidenciam semelhanças e diferenças proporcionais ao tamanho dos grupos.

	Total	De 12 a 15 anos	De 16 a 19 anos	Masculino	Feminino
(1) Concorda	37,5%	44,0%	26,7%	7,5%	67,5%
(2) Discorda	60,0%	54,0%	70,0%	92,5%	27,5%
(99) Não respondeu	2,5%	2,0%	3,3%	-	5,0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

A maioria dos alunos (60%) discorda da proposta de construção do centro comercial, sendo os mais velhos mais contrários que os mais jovens (70% x 54%). Há, no entanto, um dado interessante, quando se analisam separadamente os grupos: as moças, a maioria (67,5%), é favorável à construção do centro comercial.

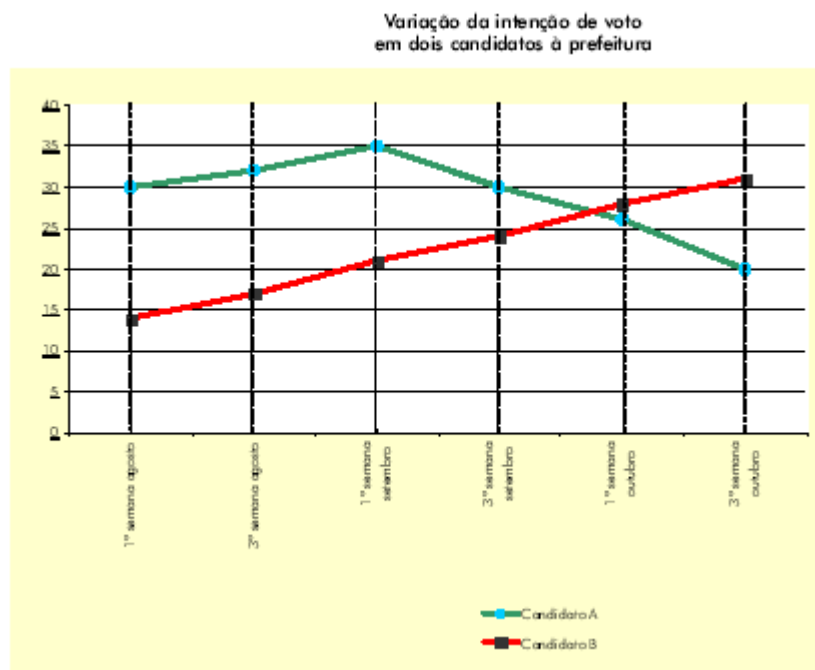
Isso mostra que, a pesquisa, além dos conhecimentos linguísticos, exige conhecimentos matemáticos, como conceitos de média, porcentagem, estatística e leitura de gráficos e tabelas.

5- Organização dos dados para comunicação

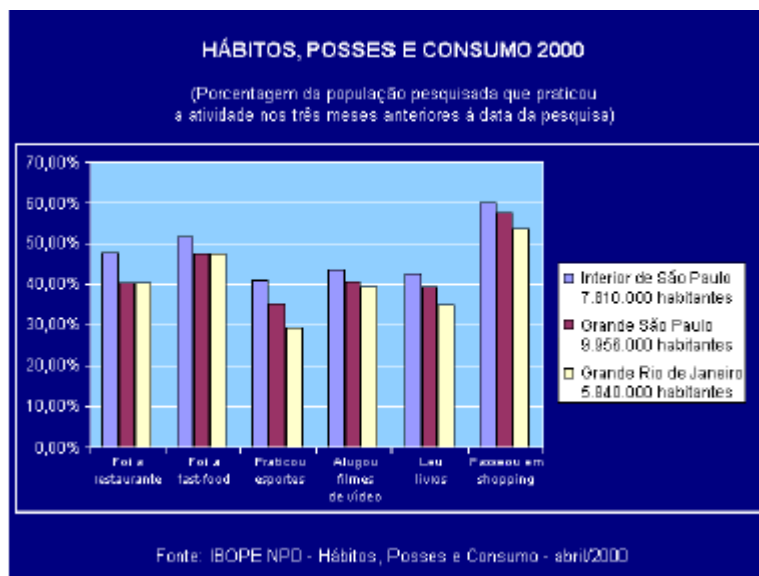
Além das tabelas, os gráficos ajudam a evidenciar algumas relações ou tendências, podendo ser realizados manualmente ou com o auxílio de programas de computador.

Exemplos:

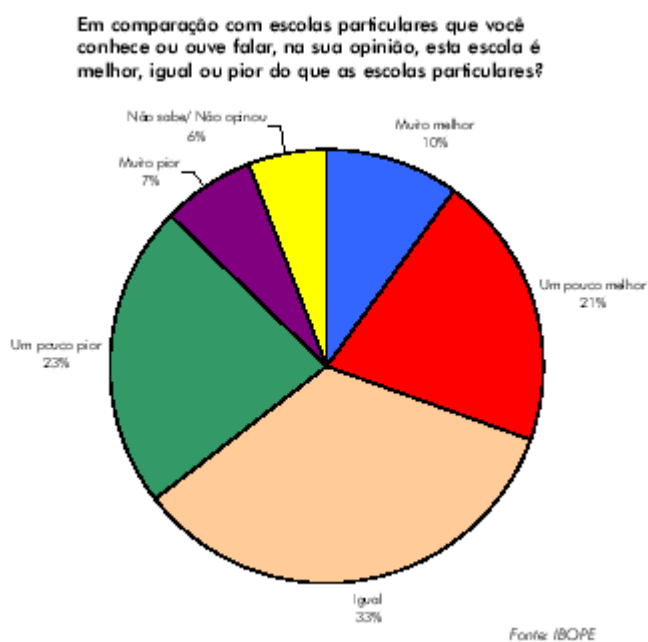
- Gráfico de linhas: utilizado para representar dados numéricos que variam no tempo:



- Gráfico de barras: facilitam a comparação entre os dados:



- Gráfico de setores: também conhecido como “gráfico de pizza”, possibilita visualizar partes de um todo, em termos de porcentagens;



Uma pesquisa de opinião, normalmente, apresenta dados inéditos, que demandam documentação e divulgação. Os resultados podem ser apresentados em forma de relatórios contendo, segundo a IPM as seguintes informações:

- Apresentação do tema ou do problema pesquisado.
- A população estudada, o tipo e tamanho de amostra utilizada e a data do levantamento.

- *Tabelas e gráficos com os dados que forem relevantes, entremeados por explicações e comentários.*
- *As conclusões, interpretações ou ainda sugestões para outros estudos.*
- *Pode-se também recorrer a fotos que ilustrem o tema, textos complementares ou reprodução de frases expressivas ditas pelos entrevistados.*

Os resultados também podem ser comunicados oralmente a um público que esteja diretamente envolvido, ou para quem os dados sejam de interesse. Tais apresentações orais podem ser incrementadas com a utilização de cartazes ou transparências em retroprojetores que mostrem tabelas e gráficos, na medida em que as explicações forem realizadas.

Outra possibilidade é uma exposição sobre o tema com dados – gráficos e tabelas – em cartazes e pequenos textos explicativos em painéis, com fotos e outras ilustrações.

Boletins, jornais ou murais da escola podem veicular as informações e principais conclusões.

Como o nosso projeto se relaciona com o sonho dos alunos jovens e adultos, pode-se realizar um fórum de debates com apresentação dos dados coletados e o encaminhamento de ações e projetos a partir das questões levantadas, para que passem do sonho à realidade.

OUTRAS SUGESTÕES DE PRODUTO FINAL:

- Elaboração de uma proposta por escrito de política pública a ser encaminhada aos órgãos competentes da União, do Estado ou do Município.
- Organização de fóruns de discussão e ato público.
- Campanha (produção de cartazes, folhetos, vinhetas para rádio ou carro de som).
- Exposição na comunidade dos resultados da pesquisa em placas e outdoors.
- Seminários sobre o tema.

- Produção de um jornal impresso.
- Produção de uma programação de rádio.
- Edição de um livro.

Observação: alguns destes produtos poderão ser combinados.

APRENDIZAGEM DOS ALUNOS:

P r á t i c a d e L e i t u r a	• Reconhecer gráficos e esquemas que acompanham relatórios de pesquisas. • Reconhecer questões de questionários, entrevistas e textos afins. • Selecionar, organizar e registrar informações provenientes de diferentes fontes, pesquisadas na biblioteca da classe, da escola ou do bairro para cumprir diversos propósitos leitores (livros, enciclopédias, revistas, depoimentos, pesquisa de campo etc.). • Ao ler, selecionar informações relevantes utilizando procedimentos de escrita como tomar nota da informação que interessa conservar, grifar, resumir etc. • Antecipar o conteúdo dos textos a partir do título, subtítulo, imagens, capa, contracapa, índice. • Ajustar a modalidade de leitura ao propósito e ao tipo de texto (usando os índices dos livros para localizar informações, ler rapidamente títulos e subtítulos até encontrar a informação que busca, ler minuciosamente o texto, uma vez encontradas as informações necessárias etc.). • Buscar pistas nos textos para verificar antecipações. • Coordenar informações proporcionadas pelo texto com informações provenientes das imagens. • Estabelecer relações entre diversos textos acerca de um mesmo tema. • Distinguir o que se entende e o que não se entende num texto que se está lendo. • Utilizar recursos para compreender ou superar dificuldades de compreensão durante a leitura (pedir ajuda aos colegas ou ao professor, reler o trecho que provoca dificuldades, continuar a leitura com a intenção de que o mesmo texto permita resolver as dúvidas ou consultar novos materiais para esclarecer dúvidas). • Procurar compreender o significado de uma palavra desconhecida do texto, a partir do contexto, do estabelecimento de relações com outros textos lidos e da busca no dicionário (principalmente nos casos em que o significado exato da palavra é fundamental). • Desenvolver uma postura de leitor crítico, capaz de questionar-se sobre as distorções geradas pela forma de coletar e agrupar os dados de uma pesquisa, analisando o que é dado e o que é interpretação.
--	--

P r á t i c a d e E s c r i t a	• Elaborar instrumentos de pesquisa: questionários, perguntas para entrevistas e outros. • Transcrever fitas de gravação de entrevistas. • Produzir textos informativos, considerando algumas características (termos científicos, não manifestar opiniões pessoais, evitar o uso de pronomes pessoais, utilizar marcadores temporais e causais etc.). • Analisar e refletir com ajuda do professor e dos colegas acerca de recursos lingüísticos para resolução de problemas nas diversas situações de produção dos textos, compartilhando descobertas acerca das regularidades da língua, sistematizando conhecimentos acerca de aspectos discursivos, gramaticais e ortográficos. • Ao escrever, organizar em blocos de assunto as informações selecionadas para a produção do texto. • Ao escrever, utilizar títulos, subtítulos, imagens e legendas – recursos próprios dos textos informativos. • Colaborar em situações de produção coletiva de textos, acompanhando seu desenvolvimento, dando idéias acerca do que deve ser escrito, suprimido, modificado etc. • Colaborar em situações de produção de textos em duplas ou em pequenos grupos atendo-se a sua função (de produtor, ou de revisor, ou de escriba). • Utilizar procedimentos e recursos próprios da produção de textos quando a tarefa é realizada individualmente (planejar o que vai escrever estabelecendo os aspectos fundamentais e sua ordem provável, utilizar informações de fontes diversas, fazer rascunhos, revisar seu próprio texto simultaneamente à produção, discutir com outros leitores aspectos problemáticos do texto, reler o texto etc.) • Transcrever textualmente o que disse o entrevistado (entrevistas gravadas): separar em turnos de falas; selecionar as partes importantes para compor os seus registros e resolver problemas colocados pela passagem da oralidade à escrita. • Preservar o propósito comunicativo ao longo da produção (progressão temática do texto, grau de informatividade, precisão da informação). • Revisar o texto a fim de evitar repetições desnecessárias (por meio de substituição pronominal ou lexical, vírgulas, supressão do sujeito etc.); evitar ambigüidades; relacionar informações; articular partes do texto (por meio de conectivos e pontuação); estar atento à concordância verbal e nominal e legibilidade do texto. • Revisar o texto do ponto de vista ortográfico, considerando as regularidades aprendidas e a ortografia convencional de palavras de uso freqüente, uso de maiúscula ou minúscula a partir da distinção entre nomes próprios e comuns e inícios de oração. • Utilizar sinais de pontuação para garantir a coesão textual.
--	--

C o m u n i c a ç ã o O r a l	• Formular perguntas a partir das informações contidas nos textos lidos. • Falar sobre o assunto estudado, considerando o propósito da comunicação e o público. • Utilizar recursos de apoio à exposição como: roteiro, cartazes, pequenas anotações, lembretes, de informações precisas, transparências, imagens, objetos. • Realizar entrevistas com especialistas ou pessoas da comunidade sabendo adequar o discurso, bem como se envolver numa situação de interlocução para obter as informações necessárias.
---	--

Outras aprendizagens relacionadas aos conteúdos transversais:

- Perceber o outro e aceitar as diferenças, construindo posturas de recusa ao preconceito.
- Desenvolver sua percepção sobre os demais, buscando compreender pontos de vista diferentes dos seus.
- Reconhecer sua singularidade como pessoa e afirmar sua identidade de forma cada vez mais reflexiva.
- Investigar os fatores que influenciam a formação das identidades de cada um, como se processa na sociedade a construção das várias visões de mundo, valores e padrões de comportamento.